

A VOZ de MELGAÇO

QUINZENÁRIO CATÓLICO E REGIONALISTA

Chefe da Redacção e Editor: CARLOS ANTÓNIO VAZ | Administração: Apartado, 23 - BRAGA | Director e Administrador: JÚLIO HILARIÃO VAZ
AVENÇA - Custo da Assinatura Anual: 40\$00 - Estrangeiro 80\$00 * ANO XXIV - N.º 468 - Melgaço, 1 de Março de 1971 * Tip. Augusto Costa & C.a, L.da - Tel. 22455 - Braga

NA ASSEMBLEIA NACIONAL

O Eng.º António Lacerda aborda os problemas económicos do Minho

N. R. — O ilustre deputado pelo círculo de Viana do Castelo, eng. António Pereira de Lacerda, abordou, recentemente, na Assembleia Nacional, problemas agrícolas do Minho. Iniciamos a publicação da sua notável e oportuna intervenção parlamentar.

Na discussão da Lei dos Meios para 1970 tive ocasião de referir alguns elementos que davam ideia do panorama agrícola do distrito de Viana do Castelo e da sua fraquíssima posição no conjunto da economia nacional e mesmo da de Entre Douro e Minho.

Permitir-se-á que na discussão deste oportuno aviso prévio retome o assunto e o ligue a aspectos novos da agricultura desta Região que, infelizmente, desde lá até agora ainda não sofreu nenhuma alteração positiva para além da interessante inauguração do perímetro de emparcelamento de Estorões, possível símbolo das dificuldades da Lavoura minhota que nem a aplicação de vultuosíssimos capitais consegue retirar das terríveis dificuldades com que se debate. E o emparcelamento foi uma esperança...

São reais as dificuldades do Minho no que respeita à agricultura. Se não vejamos alguns números da sub-região litoral da Zona de Planeamento Norte. E não pretendemos apresentar mais do que alguns elementos que adicionados a tantos outros que

ilustres colegas e eu próprio tenho apresentado nesta tribuna, tragam à realidade, à visão clara, a Administração e até as populações locais, demasiado optimistas, por vezes, uns e outros, quanto à verdadeira e segura realidade.

E esta é de que enquanto o distrito de Viana do Castelo só auferia 1.8% do Produto interno bruto, o de Braga detém 6.4% e o do Porto 15%. Quer dizer que a riqueza dos três distritos do Noroeste Português se reparte muito desigualmente, mas tal

(Continua na 5.ª pág.)

Os nossos 25 anos

No próximo mês de Junho o nosso jornal entra nos 25 anos.

São as Bodas de Prata.

É-nos grato registar que o prezado assinante Manuel Fernandes, proprietário da Quinta do Atalho, na freguesia de Argela, em Caminha, nos enviou, já, cem escudos para a celebração.

Ao agradecermos a gentileza, esperamos que os nossos assinantes vivam connosco tão faustosa data.

Por Santa Rita



Mas isto parece um milagre!

É um plebiscito!

Uma oferta de 3 000\$00!

Uma menina dá o seu cabelo!

Na despedida dos nossos rapazes!

Romeiros de Monção...

Sim. Vemos aqui a mão de Deus. E o amor, o carinho de milhares de devotos de Santa Rita. A sr.ª Albertina Vieites, dos Perses, agora a residir em Monção, em Longos Vales, veio aqui, com sua filhinha, aluna do Colégio daquela vila, que há tempos fora acometida de grave enfermidade, que a imobilizou parcialmente. E, cheia de alegria, colocou junto da veneranda imagem de Santa Rita, 3.000\$00. Sim, isto parece um milagre. Ainda há tempos, nos enviaram numa igreja de Paris, 5.000\$00. A igreja da Medalha Milagrosa. E tudo nos faz muita falta. Para se fazer o que está previsto, em igreja e capelas, como na Senhora da Peneda, precisávamos de vinte mil contos. Pois vamos a isto, já que é obra de Deus.

Quem nos dera ter a casa em pleno funcionamento, servindo já os nossos Irmãos Pobres, da diocese, mas as perseguições são úteis, encorajam, animam. Entram no plano de Deus. Fazem parte das obras de Deus.

O que está a passar aqui, em Santa Rita é também um plebiscito. Aqui vieram já srs. Bispos, jornalistas de renome e venerandos Sacerdotes de Braga e Espanha. Aqui esteve já o nosso venerando Prelado, que benzeu a primeira pedra desta obra. A ela se referiu o sr. Ministro da Saúde, Dr. Neto de Carvalho, numa alocução pronunciada em Coimbra.

Todos aqui trabalhamos para serviço de Deus, nos nossos

(Continua na 4.ª página)

Sérios com DEUS

Entramos no tempo da Quaresma. É um tempo forte, de revisão de vida, penitência, de confissão e comunhão. Preparemo-nos para a visita do Senhor na Páscoa.

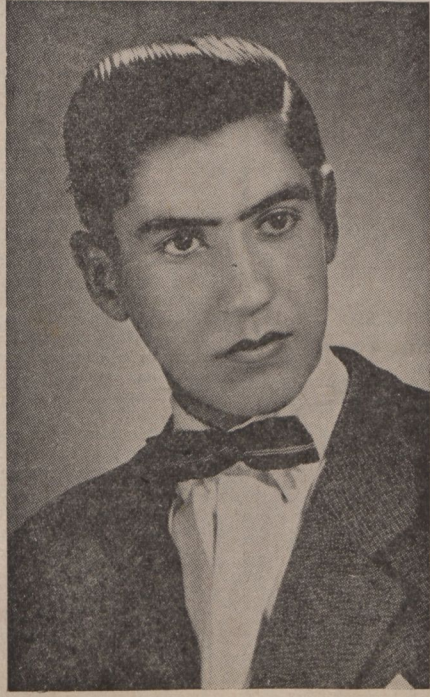
Beijá-LO, nas nossas casas, sem nos termos purificado e cumprido os nossos deveres, não!

Preparemo bem a nossa confissão e a nossa comunhão! Que o Senhor nos não repreenda, dizendo-nos que O honramos com os lábios, mas não com o coração.

É tempo de darmos o nosso contributo penitencial. Nem sejamos mesquinhos, medindo a centímetros as nossas obrigações.

Fracó é o filho que não honra sua Mãe. Neste caso, honramos nossa Mãe, a Santa Igreja.

Prepara a Páscoa com seriedade.



Alberto Magno Perelra de Castro

(Ler artigo «De pé, em frente da vida», na 4.ª página)

Aos leitores

Por motivos estranhos à nossa vontade, sai, este número de «A Voz de Melgaço» com grande atraso.

Aos prezados Assinantes

Há ainda assinaturas de 1970 que não foram pagas. Pedimos a todos nos ajudem, como família que somos, a pôr em dia este assunto.

Aos assinantes, em Portugal ou no estrangeiro que estão em dívida de dois anos, temos de suspender a sua assinatura, por entendermos que a não desejam. Vamos então a pôr em dia as nossas contas?

Antigualhas Melgacenses

X

S. PAIO DE PADERNE

Vamos agora sair da vila de Melgaço e dar uma volta pelo seu concelho medieval. Depois voltaremos de novo à vila.

Começaremos por S. Paio de Paderne que foi sede, segundo me parece, do antigo arceidiagado de Valadares, arceidiagado esse que não tinha assento no côro de Tui, onde apenas tinham cadeira os arceidiagados de Cerveira e de Labruja do território português pertencente ao bispado de Tui, que era todo o Entre Minho e Lima.

Paderne foi em tempos um vasto território, subordinado ao mosteiro dedicado a S. Paio. Em 1141 o nosso primeiro rei, D. Afonso Henriques, é que dividiu esse território em dois para formar património ao novo mosteiro de S. Salvador de Paderne (?), a que presidia D. Elvira Sarracim. Estava já então decadente o mosteiro de S. Paio.

Não compreendo porque passou a chamar-se S. Paio de Melgaço, chegando mesmo a escrever-se em obras de certa responsabilidade que a vila de Melgaço tem duas freguesias, Santa Maria da Porta e S. Paio. Nunca S. Paio chegou à vila.

Ninguém estranhe que pudesse haver duas freguesias de Paderne, S. Paio e S. Salvador. Há muitos casos semelhantes e cá tivemos duas igrejas de Santa Maria de Melgaço, que se estremavam chamando a uma da Porta e a outra do Campo, e ainda S. Fagundo de Melgaço, portanto três igrejas ou freguesias de Melgaço.

Quere o leitor mais exemplos ainda em nossos dias? Posso mostrar-lhes em várias freguesias de nome igual, diferenciadas pelo padroeiro: S. Julião da Silva e Santa Maria da Silva, em Valença; Santa Maria Madalena de Jolda e S. Paio de Jolda, Santa Cristina de Padreiro e S. Salvador de Padreiro, Santa Maria de Távora e S. Vicente de Távora, em Arcos de Valdevez; e muitos mais casos semelhantes que não cito porque longa seria a lista só no nosso arcebispado. Assim ninguém estranhe que houvesse a freguesia de S. Paio de Paderne e a freguesia de S. Salvador;

(Continua na 6.ª pág.)

Várias Notícias da Vila

DOUTORA ALBERTINA DA CONCEIÇÃO ALVES—Em gozo das férias do Carnaval e de visita à sua família, esteve alguns dias em casa de seus pais, no lugar de Varzea Travessa, freguesia de Castro Laboreiro, a Sr.^a Dr.^a D. Albertina da Conceição Alves, finalista da Faculdade de Medicina da Universidade do Porto, acompanhada de sua irmã, menina Leonor de Fátima Alves, aluna do 2.º ano da Faculdade de Economia, também da Universidade do Porto, filhas do nosso estimado assinante sr. Abel Alves e da sr.^a D. Palmira Fernandes Alves, proprietários desta freguesia.

Os nossos cumprimentos, para as jovens universitárias, desejando-lhes que terminem as suas formaturas com bom êxito.

VINDO DO ULTRAMAR—Depois de ter cumprido a sua missão de soberania, durante dois anos em Angola, regressou, há dias, o nosso conterrâneo 1.º Cabo Radiotelegrafista Sr. António Lourenço, do Rouças de Oleiros, freguesia de Louças.

Os nossos cumprimentos e um abraço de boas vindas.

FURRIEL JOSÉ ALBERTO PUGA DE MORAIS—Tivemos o prazer de ver nesta Vila o nosso conterrâneo, Sr. José Alberto Puga de Morais, Furriel Miliciano a prestar serviço no Regimento de Infantaria N.º 8, em Braga.

Os nossos cumprimentos.

JOSE FERNANDO RODRIGUES DE MORAIS—De visita, tivemos o prazer de ver entre nós o nosso conterrâneo e estimado assinante, Sr. José Fernando Rodrigues de Morais, funcionário da Repartição de Finanças da cidade de Braga.

Os nossos cumprimentos.

ANIVERSÁRIO—No dia 17 p.p., festejou o seu aniversário natalício a menina Maria Miquelina Gonçalves, empregada do Restaurante «Snak Bar» (27), desta Vila.

Por tal motivo os proprietários do referido Restaurante, tiveram a gentileza de oferecer um luto jantar a que assistiram várias pessoas amigas e familiares.

A aniversariante, desejamos longa vida e os nossos parabéns.

MANUEL DOS SANTOS BRANCO—Também há dias, festejou o seu aniversário natalício o nosso amigo Sr. Manuel dos Santos Branco, funcionário da «Alfaiataria Vilas» desta vila, que teve a gentileza de oferecer na «Casa Chiquera» desta Vila um fino beberete a vários seus amigos.

Desejamos ao amigo Manuel, que esta data se repita por muitos anos e os nossos parabéns.

ENGENHEIRO ANTÓNIO MANUEL PIRES—Após ter cumprido a sua missão de soberania, durante dois anos, na nossa província ultramarina de Angola, regressou, há dias, o nosso ilustre conterrâneo Sr. Engenheiro António Manuel Pires, residente em Matosinhos.

Ao nosso querido amigo, que há dias esteve nesta Vila, de visita à sua família, acompanhado de sua esposa, Sr.^a D. Maria Alexandrina Serrano Marques Pires e filhos, apresentamos os nossos cumprimentos e um abraço de boas vindas.

ARMANDO GONÇALVES—Tivemos o prazer de ver nesta Vila o Sr. Armando Gonçalves, muito digno chefe de cozinha, do conceituado Restaurante «Flor», da Praça João do Rio, em Lisboa.

Os nossos cumprimentos.

PROMOÇÃO—Foi promovido a 2.º Sargento o nosso querido amigo, cabo Hilário Rodrigues que até agora fazia serviço no Comando da Guarda Fiscal em Melgaço.

O novo sargento parte em breve para os Açores. Os nossos parabéns e que logo volte à nossa terra, onde é muito estimado.

ANTÓNIO MACHADO DUARTE—Acompanhado de sua Esposa e filhos, tivemos o prazer de ver nesta Vila, o nosso amigo e estimado assinante, Sr. António Machado Duarte, Dig.^{mo} Chefe da Secretaria Judicial em Braga.

Os nossos cumprimentos.

ANTÓNIO JOSE DOMINGUES—De visita à sua família, tivemos o prazer de ver nesta Vila o nosso conterrâneo Sr. António José Domingues, distinto aluno do 4.º ano da Faculdade de Medicina, da Universidade do Porto.

Os nossos cumprimentos.

INCENDIO—Pelos 15 horas, do passado dia 14, no lugar de Cima, freguesia de Cubalhão, deflagrou um incêndio, não se sabendo as causas do mesmo, onde ardeu grande quantidade de feno.

Acorreram ao local os brmos Bombeiros Voluntários desta Vila, que extinguiram o fogo, a tempo de não se alastrar para os prédios de habitação que estavam próximos.

Compareceu também no local a G.N.R. do posto desta localidade, a fim de investigar a sua origem.

Os prejuizos causados, são em cerca de 5000\$00, para os proprietários daquela freguesia José de Jesus Vaz e Ricardina Dias.

JOSÉ AUGUSTO DA CUNHA ESTEVES—Tivemos o prazer de ver entre nós e de visita à sua família o nosso conterrâneo e estimado assinante Sr. José Augusto da Cunha Esteves, estimado funcionário da Repartição de Finanças de Vila Nova de Famalicão.

Os nossos cumprimentos.

INAUGURAÇÃO—No dia 14, foi inaugurado o Café da futura Pousada de Castro Laboreiro tendo registado grande e constante enchente. Parabéns.

QUEDA DE ANDAIME—Há dias, foi vítima dum queda dum andaime, nas obras de um prédio em construção nesta Vila, o empreiteiro Sr. José Manuel Alves, casado e residente em Esporão, Paços.

Em consequência da queda o Sr. José Alves, fracturou uma perna e seguiu para o Sanatório «Raposos» de Orense (Espanha).

CASAMENTO—Na Capela de Nossa Senhora das Dores, do lugar de Cavaleiros, freguesia de Rouças, realizou-se o enlace matrimonial da menina Maria Alice Pinho, filha da Sr.^a D. Aldina Pinho, com José Oscar Veloso Costa, natural de Vilaverde.

Foram padrinhos o Sr. Manuel Ferreira de Pinho e a menina Maria Aldora Alves.

No fim do acto, o cortejo nupcial dirigiu-se para a conceituada «Pensão Boavista», da Estância Termal do Peso, onde foi servido um primoroso almoço a inúmeros convidados.

Ao gentil casal desejamos, muitas felicidades.

MANUEL ANTÓNIO RIBEIRO SOLICITADOR
★
Largo Hermenegildo Solheiro
MELGAÇO

Mariam Berwanger
ADVOGADA
DA ORDEM DOS ADVOGADOS DO BRASIL E
DA ORDEM DOS ADVOGADOS DE PORTUGAL

Escritórios:
PORTUGAL: Lisboa, Av. da República, n.º 27-1.º - Telef.: 5 86 42 e 5 48 26
BRASIL: Rio de Janeiro, Rua Paissandú, n.º 200, ap. 1005 - Telef. 245 10 49

TRATA EM PORTUGAL E BRASIL

Recoveiro Rogério
de MONÇÃO
Recebe encomendas para:
MONÇÃO, MELGAÇO e S. GREGÓRIO
Paragem no PORTO:
RUA DO LOUREIRO, 36 ou RUA DA MADEIRA, 218
Até às 18 horas
Em MONÇÃO:
RUA GENERAL PIMENTA DE CASTRO

BANCO FERNANDES MAGALHÃES

PORTO LISBOA



SÍMBOLO DE SEGURANÇA E DE BONS SERVIÇOS HÁ MAIS DE MEIO SÉCULO

CORRESPONDENTES EM TODO O PAÍS E ESTRANGEIRO, destacadamente:
Em MELGAÇO — Casa José Maria Pereira
Em FRANÇA — Banque Nationale de Paris
Na ALEMANHA — Deutsche Bank

A vasta rede de instalações próprias e Correspondentes no País e Estrangeiro, aliada a uma prudente e longa actividade bancária permite-lhe executar eficientemente qualquer transferência de dinheiro com um mínimo de encargos.

Dr. Manuel Cândido Rodrigues

Com alta classificação, terminou o curso de Letras da Universidade de Belo Horizonte, Estado de Minas (Brasil), onde assumiu o cargo de Director do Colégio «D. Silvério» daquela cidade o nosso ilustre conterrâneo Senhor Doutor Manuel Cândido Rodrigues, natural da freguesia de Cristoval, deste concelho, nosso estimado amigo.

Por tal motivo, desejamos ao novo Doutor as maiores facilidades no desempenho das suas elevadas funções e os nossos parabéns.

Manias de aviador... Ou imprudência?

Certo e determinado indivíduo, que conduz motorizada, sem respeito pelas autoridades, pelos transeuntes e até propriamente dos automobilistas, anda diariamente nas ruas desta Vila, com a sua tresloucada «mania de aviador», conduzindo sem a mínima noção daquilo que anda a fazer.

Já por diversas vezes, tem sido chamado à atenção de pessoas idónias e isso para ele é tudo «conversa fiada», chegando ao ponto de ainda as insultar, não se convencendo ao mesmo tempo, possivelmente de que não existem as respectivas autoridades, ou então, julga-se senhor absoluto das suas habilidades.

Quem transita na via pública, não está sujeito a aturar indivíduos desta natureza, sempre há uma lei, que os poderá punir ou até apreender-lhe a carta de condução.

Se não fosse muitas vezes a prudência dos transeuntes e automobilistas, já se teriam dado desastres de grandes proporções.

Para evitar o que depois pode ser irremediável, chamamos a atenção de quem de direito.

A. P.

Dr. Oliveiros Rodrigues
ADVOGADO
Largo Hermenegildo Solheiro
MELGAÇO

Sociedade

Aniversários

Fazem anos: amanhã, Maria José Gomes Domingues; no dia 3, os srs. Henrique Fernandes Bermudes e José Dias de Figueiredo; no dia 5, a sr.^a D. Generosa da Costa Cardoso; no dia 7, a sr.^a D. Clarisse da Mota Solheiro Pinto; no dia 8, a sr.^a D. Ana de Fátima Fernandes Pereira de Melo, a menina Maria de Lourdes Monteiro Calheiros, e os srs. Augusto Estêvão de Sousa Lobato, José de Sousa Lobato e António Dias Soares; no dia 9, a sr.^a professora D. Isabel Guerreiro Ranhada, o sr. Sargento António Napoleão Gonçalves e o menino António Cândido Esteves; no dia 11, as meninas Elisa Maria Rodrigues e Maria Margarida de Sousa Cerqueira, o sr. Manuel José Gonçalves (Cortinha) e o menino Jorge Miguel Trancoso Bermudes; no dia 12, as Sr.^{as} D. Maria Amélia Vaz Gomes Pinheiro e D. Maria Ludovina Gonçalves Pinheiro; no dia 14 as sr.^{as} D. Aida da Anunciação Domingues e D. Nazaret Gomes de Sousa Araújo; e no dia 15, a sr.^a D. Maria Carolina Gomes de Sousa Gonçalves.

Foto CALDAS
TELEFONE, 42220
MELGAÇO

EXECUTA todo o trabalho em Fotografias e vende todos os materiais para as mesmas.

Reportagens para Casamentos, Baptizados, Comunhões, Aniversários, etc.

Dr. Luis Domingues
CLINICA MÉDICA
Rua Formosa, 253 - 2.º - D.º
Tel. 29415 PORTO

Assine e Anuncie na «A VOZ DE MELGAÇO»

CONVERSANDO

(À lareira)

— Ora diga-me cá uma coisa, compadre: que Domingo é hoje?

— É Domingo Gordo!

— Mas, ó compadre, porque é que lhe chamam Domingo Gordo?

— Já algumas vezes te disse que, no tempo do Carnaval, havia dantes uma certa condescendência, porque se ia entrar na Quaresma e esta, antigamente, era a valer. Hoje, infelizmente mais máscara, menos máscara, é carnaval todo o ano. Por isso mesmo é que não se justifica a paródia que costuma fazer-se por esta ocasião, com tanta baixeza e tanta falta de imaginação. O Carnaval pode e deve ser tempo de alegria, mas não um tempo de pouca vergonha. Os nossos maiores eram, nesse ponto, mais lógicos e sensatos. Admitiam a seringa, a tremoçada, a máscara e o travesti, mas não o bailarico indecoroso e a conversa pornográfica.

— Ó compadre, ao menos agora também já não há jejum!

— Estás enganado! O jejum continua, apesar de ter sido mitigado. Simplesmente a Igreja, atendendo à fraqueza dos organismos e à maior falta de fé, abrandou a sua disciplina. Mas a obrigação do jejum, como forma de penitência, mantém-se, de rigor, em quarta-feira de Cinzas e Sexta-Feira Santa e, nos outros dias, se não se quiser escolher essa forma de penitência, tem que optar-se por outra, entre as indicadas pela Igreja, mas de penitência é que ninguém está desobrigado. Nem a Igreja podia desobrigar ninguém deste dever tão gravemente afirmado por Nosso Senhor: «Se não fizerdes penitência, todos perecereis».

— E quanto à abstinência de carnes?

— Continua a proibição de comer carne em todas as sextas-feiras da Quaresma. E, nas outras sextas-feiras do ano, se se quiser comer carne, torna-se necessário fazer em substituição desta forma de penitência, qualquer obra boa, qualquer sacrificio.

— O compadre já uma vez me disse que Carnaval queria mesmo dizer: «adeus, carne!»

— Isso mesmo! É que dantes os cristãos afinavam pelo diapasão de Santa Teresa: «Quando penitência, penitência; quando perdiz, perdiz!»

— Doí tentos a essa que é boa, compadre!

— Antigamente, os cristãos viam com mais parcimónia e faziam mais sacrificios do que são hoje capazes de fazer. Ainda um dia destes estive a ler como morreu a rainha D. Filipa de Lencastre, mulher de D. João I, e mãe do Infante D. Henrique e do Infante Santo. E assim, compreende-se que houvesse grandes homens, como Nun'Álvares e D. Henrique, e famílias exemplares, como a de D. João I. As mães, como D. Filipa de Lencastre, sa-

crificavam-se por todo o povo e sobretudo pelos filhos e davam-lhes o exemplo. É por isso que os filhos vieram a ser, como lhes chamou Camões, «*inclita geração, altos infantes*». São as boas famílias que fazem os grandes povos.

— Infelizmente, hoje todos o que querem é pândega e boa vida!

— Mas não são todos!

— Isso é verdade, mas a excepção só confirma a regra!

— Tu não vês no que dão agora muitos estudantes, alguns deles até filhos de boas famílias?! Assoprados por ventos que vêm lá de fora e conduzidos por uma meia dúzia de zaragatões que de estudantes só têm o nome, fazem de fel e vinagre os professores e os ministros!

— É verdade, compadre! A mim até me parece que ser ministro da Educação Nacional é ser candidato a mártir, por mais boa vontade que ele manifeste, por mais tolerante que seja e por mais aberto que se anuncie.

— Tens carradas de razão, compadre! Oxalá todos esses «meninos» oíçam a voz do bom senso proclamado ainda há dias pelo senhor Presidente do Conselho e tratem de se agarrar aos livros, em vez de fazerem desacatos e desencaminharem jovens bons que não querem outra coisa senão preparar-se, no estudo e na formação espiritual, para serem os seguros condutores do mundo amanhã!

Dois homens feridos, num embate de motorizadas

Pelas 18 horas, do dia 19 p.p., na fatídica curva, denominada Ponte do Rio do Porto, à saída desta Vila, circulavam em sentido oposto, duas motorizadas conduzidas pelos seus proprietários Senhores Manuel José Amorim, solteiro de 51 anos, natural de S. Gregório, freguesia de Cristóvão e António José Alves, solteiro de 19 anos, natural da freguesia de Rouças, que embateram violentamente, sofrendo ferimentos, ambos.

Em consequência do embate o Manuel Amorim, sofreu ferimentos na cabeça, frontal, face e fractura dos dedos indicador e médio da mão esquerda e o António Alves, apenas sofreu ligeiras escoriações.

Depois de socorridos no Banco do Hospital da Misericórdia desta Vila, pelo médico de serviço Sr. Dr. António Cândido Esteves, os feridos regressaram a casa.

O Comandante do Posto da G.N.R. desta localidade, Sr. Alfredo José da Costa deslocou-se ao local e tomou as necessárias providências do acidente.

A. P.

De PENSO

(Atrazada na Redacção)

Fevereiro, 9

O preço da água — Baixou para nós o preço da água. Mesmo assim, não agradou a todos. Acham alguns que os mínimos são poucos e que ainda vão pagar mais, visto o que se gastar a mais dos mínimos ser a dez escudos o metro. No entanto, a maioria dos que ouvimos estão contentes.

De Lisboa — A fim de reconstruir a sua casa da Telhada, esteve entre nós o nosso amigo e assinante em Lisboa, sr. António Esteves Reguengo.

— Também da capital regressou o nosso amigo e assinante, sr. Aires Gonçalves, que com sua esposa lá passou as suas férias natalícias.

— Ainda de Lisboa, estive-ram em casa do nosso amigo e assinante, sr. José Maria Pereira, de Paranhão, seu filho e genro, Manuel José Pereira e Alberto da Rocha Carvalho, nossos assinantes em Lisboa.

A pesca — Vai começar a pesca que é autorizada de 15 de Fevereiro a 30 de Junho. Como este ano o Rio pouco cresceu, é natural que a pesca seja pouco rendosa visto as varredouras apanharem quase tudo quando o Rio não tem cheias. No entanto espera-se por domingo à noite para se começar.

Norberto José Vas

De Prado

(Atrazada na Redacção)

Falecimentos — Com a idade de 70 anos, faleceu em 4 de Janeiro, Filomena Lourenço, viúva de Manuel Bernardes, mãe de Esmeralda Lourenço Domingues. Foi do lugar da Corredora, Casa da Fichoa, desta freguesia.

— Com a idade de 75 anos, faleceu na cidade de Lisboa, António Pinheiro. Deixa viúva Carma Maria Pinheiro e era pai de Maria Marta Pinheiro. Faleceu em 4 de Fevereiro, tendo-se o funeral realizado no dia seguinte, incorporando-se no mesmo grande número de familiares e amigos. Foi natural desta freguesia.

— Em 1 de Fevereiro, faleceu no Hospital de S. João da cidade do Porto, para onde foi em estado grave, Carlos Augusto Culmeiro, de 20 anos de idade, filho de Amadeu Culmeiro e de Carminda Soares, moradores no lugar do Buraco desta freguesia donde era natural.

«A Voz de Melgaço» apresenta a todas as famílias enlutadas sentidos pésames.

Visita — De visita ao seu pai, Claudio de Sousa Lobato e a mais familiares, vieram da cidade do Rio de Janeiro, Brasil, a nossa dedicada assinante D. Esperança da Glória Lobato Trancoso, acompanhada de seu marido, os quais exercem a vida comercial naquela cidade. — M. S.

Assine, Anuncie e Propague
«A Voz de Melgaço»

CASA DA SORTE

distribuiu em 8 dias

9 480 CONTOS

★

Em 11-2-1971

MAIS UMA

SORTE GRANDE — 31942

4 200 CONTOS

Para ter Sorte, confie na

CASA DA SORTE

A CASA QUE FAZ MULTIMILIONÁRIOS

A Lotaria da CASA DA SORTE é vendida em Melgaço pelo sr. Miguel Henrique Gonçalves Pereira

De Rouças

22/2/71

Falecimento — Vai hoje a sepultar no cemitério desta freguesia, a sr.ª Silvéria, dos Perses, que faleceu no hospital. Foi preciso violentar um postigo da casa da morada, para os vizinhos entrarem, pois a sr.ª Silvéria não dava razão de si. A senhora Silvéria, em tempos, tinha já o caixão, guardado para ela, em casa. Mas depois dispois dele. Numa das grandes festas do nosso concelho, vestiu-se toda de branco e foi preciso muita diplomacia do rev. pároco, para a fazer desistir de acompanhar os anjinhos. Mas era uma boa Senhora. Foi vários anos a pé a Fátima e pessoas, de elevada posição, a recolhiam em casa. Uma revista americana chegou a trazer a sua fotografia, rezando na Cova da Irla, Fátima. Que o Senhor a tenha junto de Si.

Casamentos — No dia 20, o da prendada menina, Maria Augusta Dias, de Cavaleiros, com o sr. José Pereira Rodrigues, de Paderne. Foi um acontecimento cá na terra. Contaram-se 22 carros, vindo convidados de Vigo, entre eles, um Sacerdote. O repasto, realizado na Pensão Boa Vista do Peso, a mais duma centena de convidados, esteve, como sempre à altura.

No dia 13 — O da gentil menina, Maria de Jesus Lourenço, da Costinha, com o sr. António José Alves, da Igreja. Por expressa vontade das famílias, este casamento foi realizado na intimidade, sendo o almoço oferecido na casa da mãe da noiva.

Para França — Partiu para França, o sr. Manuel Lourenço, da Costinha, que a todos deixou muita saudade. E que encontre bem de saúde seu irmão, José, nosso estimado assinante, em Paris. — C.

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE MELGAÇO

ANÚNCIO

2.ª Publicação

Pela Secção de Processos da Secretaria Judicial desta Comarca, correm éditos de VINTE DIAS, contados da segunda e última publicação deste anúncio, citando os credores desconhecidos do EXECUTADO — JOSÉ ABÍLIO PIRES, separado judicialmente de pessoas e bens, natural do lugar de São Gregório da Freguesia de Cristóvão da Comarca de MELGAÇO, mas actualmente recluso na cadeia Civil do PORTO, para no prazo de DEZ DIAS, posterior àquele dos éditos, reclamarem o pagamento de seus créditos pelo produto dos bens penhorados sobre que tenham garantia real, na EXECUÇÃO ORDINÁRIA PARA PAGAMENTO DE QUANTIA CERTA movida por Rosa Vaz ou Rosa da Ascensão Vaz, viúva, residente em São Gregório Cristóvão.

MELGAÇO, oito de Fevereiro de 1971.

VERIFIQUEI

O JUIZ DE DIREITO

Manuel José de Almeida e Silva

O ESCRIVÃO DE DIREITO

José Henrique Pinheiro Calheiros

VOLKSWAGEN
EM BOM ESTADO,
com GARANTIA
VENDE-SE

Falar com

Ezequiel Val

MELGAÇO

Dr. Ismael da Trindade

ADVOGADO

Mudou o seu Escritório
para o Palácio da Justiça

(REGISTO PREDIAL)

TELEF. 52295

MONÇÃO

Agência de Viagens "RUMO,"

PASSAGENS AÉREAS E MARÍTIMAS

Bilhetes de Combóio, a preços reduzidos para trabalhadores e familiares

Posto de Câmbios do BANCO DE AGRICULTURA

TELEFONE, 42278 — MELGAÇO

De pé, em frente da vida

Venho falar-lhes de mim. Noutras circunstâncias, bem sei, por a atitude ser susceptível de confundir-se com um possível gosto pessoalista ou culto de sinceridade (incómoda) poderia ser desvergonha. Mas agora é diferente, pois pretendo referir uma data que me pertence. De resto, é tão usual o escritor falar de tudo e de todos que amiúde adia por ocultações e reticências, metáforas e silêncios, o encontro necessário e salutar consigo próprio —, porventura onde a voz ganha o seu sentido mais autêntico. O cronista, o ficcionista, o poeta, o crítico, está quase sempre nos outros, disperso nos diálogos e na paisagem, e raras vezes em si próprio.

Mas agora, como disse, é diferente. Pois se a memória, no seu permanente encausamento, me não trai, faz hoje precisamente quinze anos que publiquei neste jornal, acaso neste lugar (gostaria), pelo menos, que o fosse) o meu primeiro escrito; por sinal, um sonetozinho campestre, verde-pálido, inofensivo de todo, visto traduzir o balbúcio de uma alma jovem transpondo de pés descalços, desprevinda, os umbraiaes de um mundo de encantamento e descoberta. Realmente, a boa maneira portuguesa onde, segundo é tradição, tão fácil se torna escrever um poema como plantar uma árvore...

Quinze anos, metade de uma vida. Admito que o itinerário percorrido desde esse frágil cais não foi tão longo, rápido ou mesmo intenso, como seria de apeter. Mas sei que o vivi com perseverança, fide-

dade e sentido de compromisso. Aqui e por além, (dúzia e meia de jornais, entre diários e não-diários, duas revistas e um livro de poemas), em viagem peregrina, fui pondo colaboração: pedaços da minha alma (cada vez ganhando por suas mãos o pão do espírito), apontamentos das coisas e dos homens tentativas várias e afoitas de esculpir a vida procurando reter, em cada instante, com solicitude e consciência, lembranças vindas de nós e que o tempo arrasta, escapando-se-nos, impiedosamente.

Desbravei algum terreno (como diria Aquilino: às vezes sáfaro e ingrato), transpuz muros e barreiras, venci escarpas, identifiquei-me com ambientes e situações; veios de água vindos de mundos submersos, regando campos de memória e realidade, trouxe-ram consigo a canção de alegria, a força da descoberta maravilhosa que consegue dar à vida um sentido novo. As pepitas de ouro colhidas com zelo, e sem soberba, na corrente dos dias, deram-me a dimensão primeira da minha humildade.

Talvez fosse aqui o momento azado para falar das teorias (literárias) de Sartre ou de T. S. Eliot (por exemplo), do estranho desencanto de Steinbeck (o seu sentimento natural de tragédia), a simplicidade vertebrada (poética) de Hemingway, a clarividência de Eluard, o barroquismo aristocrático de Saint John Perse, o dramatismo actuante de Régio, a verdade transparente de Eugénio de Andrade, a quotidiano poético, significativo e exacto,

de António Reis, a procura renovada e coincidente (neo-realista) de Virgílio Ferreira, Namora e Redol, a amargura lúcida e objectiva de Irene Lisboa, símbolo por excelência dos grandes ignorados. Ou de Jiménez. Acaso de Rosalia. De Lorca. Mas não. Além de pretensiosismo equivoco, ultrapassaria o esquema do propósito. Aliás, tudo se resume a *ver-se* o mundo de tal ou qual maneira carregando nesse sentido os elementos de prova resultantes de permanentes buscas e experimentações. Os caminhos de (para) Deus são

(Continua na pág. seguinte)

"Conheça MELGAÇO,"

X

LAMAS DE MOURO

Freguesia melgacense que dista 18 quilómetros da sede do concelho. Confina com Fiães, Castro Laboreiro, Gaviéria, Cúbalhão, Parada do Monte. É servida pela estrada nacional n.º 202-3 e 202 que vai para Castro Laboreiro.

Em 1757 tinha somente 18 fogos. Em 1960 tinha 398 habitantes. O Papa e o Arcebispo de Braga apresentavam, alternadamente, o abade que tinha 70.000 reis a mais. O seu padroeiro é S. João Baptista, festejado anualmente em 24 de Junho.

Existiu ali um mosteiro de Templários, cuja igreja é a actual matriz paroquial. Pela supressão desta Ordem em 1311, reverteu em favor da coroa que, em 1319, o deu à Ordem de Malta. Depois passou a ser abadia do Papa e ordinário.

Nasce aqui o rio Mouro, afluente do Minho, célebre pelas boas trutas e penedias.

Era na Veiga, onde estão os viveiros florestais, que o emir árabe Jusão tinha uma coutada para caçar. Foi junto do antigo forno (Vale do Mouro) que teve lugar, no ano de 812, no tempo de Orneze, uma grande batalha dada pelo bravo Bernardo del Carpio, parente e vassalo de D. Afonso, o Casto, de Leão, contra Ali-Atou, rei de Córdoba, que ficou derrotado. Ali perderam a vida 70.000 mouros.

Ai pelo ano de 1129, pelo local do Porteiro, entrou D. Afonso VII, de Castela, quando, comandando as suas tropas, se dirigia para a Veiga da Matança, onde foi derrotado pelo seu primo D. Afonso Henriques, primeiro rei de Portugal. Também, em 1657, entrou por esta freguesia, acompanhado pelas suas tropas, o general espanhol D. Vicente Gonzaga quando foi atacar a praça de Valença do Minho.

É composta pelos lugares de Alcobaça, Parte, Gavião, Lugar de Cima e Curro do Lobo. Tem clima continental, isto é, frio no inverno e muito quente no verão. Os seus habitantes emigram para França, Espanha, Brasil e Canadá.

O trabalho ali é feito por mulheres que andam quase sempre vestidas de preto. Antigamente as casas eram cobertas de colmo mas, graças à emigração, já se encontram lindas casas e com boa telha moderna. Tem escola, correio

Em defesa da nossa Pátria

A caminho do Ultramar

Senhor P.º Carlos Vaz
Meu amigo.

Prometi-vos iria escrever de vez enquanto umas cartas para o nosso jornal «A Voz de Melgaço»; aqui estou a cumprir o prometido.

É deste velho navio Niassa, a 10 dias de viagem, que vos escrevo, amigos Melgacenses.

Antes de mais, digo-vos que me custou imenso despedir-me dos meus queridos Pais, dos familiares e dos amigos e da minha terra.

Em Lisboa, a comoção redobrou. As lágrimas banharam-me a face ante aqueles gritos de dor, de saudade, da despedida. Lenços brancos, muito brancos, verdes e vermelhos a acenar. E nós, enchendo o barco até às baleeiras, dizemos o último... adeus. Muitos olhavam e acenavam, pela última vez, para os seus entes, as suas noivas, os seus filhos. Alguns, mais alto ainda, nos mastros, fazem-se notar pelos gestos de saudar sentidamente.

O navio arrancou, tímido e pesado! Nesse dia, ninguém almoçou. Uns, porque não tinham apetite, outros, mal distintos. O balanço do barco incomodou-nos nos primeiros dias, quase todos enjoaram; alguns escaparam com a ajuda de várias pastilhas; eu não enjoei, tomei duas.

Dias, após dias, dias tão iguais, mar e água sempre servindo de paisagem... Que alegria quando algum camarada desvenda lá no largo um vulto, um barco! Tudo vem ver ao «decke» de bombordo, pois é desse lado, junto à costa, que alguns passam.

Tudo corre bem; apenas um soldado caiu nas escadas do porão e partiu a espinha. Tivemos de mudar de rumo para que fosse evacuado. Só esse desvio custou duzentos e tal contos.

e belas paisagens. Tem águas cristalinas e o seu presunto é conhecido em todo o continente. Precisa de ser electrificada e tem necessidade de uma estrada que a ligue a S. Gregório, passando pela zona fianense do Rio.

É desta freguesia que parte uma estrada florestal para o grandioso Santuário de Nossa Senhora da Peneda, que fica na freguesia da Gaviéria, concelho de Arcos de Valdevez, a cerca de dez quilómetros.

(Continua)

Estamos pelo Equador; são 8 e 10 da noite aqui a bordo, pois estamos adiantados três horas.

Logo haverá festa, à passagem. Seremos julgados num tribunal, formado por elementos que já o passaram.

O calor é demasiado. Que contraste! aí no Porto tanto frio, 2 negativos, segundo o noticiário telegrafado para bordo.

Encontro-me na sala de fumos de primeira onde alguns oficiais tomam a bica, depois do segundo serviço de jantar.

Logo há cinema, ao ar livre, para oficiais e metade das forças, pois o espaço escasseia e o calor é muito para tantos numa sala. É de 1200 homens o contingente do Niassa. Entre eles, eu e o camarada Domingues, também alferes e de Melgaço.

Um dos capelães, o capelão de barco, prègou já em algumas paróquias do nosso concelho, como Parada do Monte. Conhece bem Melgaço em virtude de passar sempre pela vila quando ia a Vigo.

O conjunto privativo «Cottim» desfia lindas canções, canções alegres, mas tristes de saudade.

Chegamos na sexta à tarde a Luanda, saíremos no sábado de madrugada, pois a viagem continua rumo a Porto Amélia; alguns vão ainda até Moçimbo da Praia.

A viagem é muito longa, 29 dias, sempre aqui metidos, deambulando do camarote 118 para a sala de fumos, daqui para o refeitório. Vamos passando o tempo com duas aulas que damos, diariamente, aos soldados. Ouvimos os seus problemas, vivemos as suas tristezas, estamos com eles.

Vamos relembrando alguns pormenores de guerra subversiva, pois a guerra continua. Os «turras» esperam-nos, eles sabem que nós vamos para lá agora, é tropa, dizem eles.

Caros amigos, já me devo ter alongado nesta primeira carta familiar, amiga, simples e sem preconceitos de bem escrever. Haverá mais. Esta é para seguir de Luanda, foi escrita a bordo do Niassa pelo amigo Manuel Rodrigues.

Um grande abraço meu, outro do Domingues, alferes-miliciano, Melgacenses que vão servir a Pátria como tantos contrerrâneos já fizeram.

Adeus.

RODRIGUES

Por Santa Rita

(Continuação da 1.ª página)

irmãos Pobres. Quem, ao lado dum santuário, fez igual na Diocese? Aosromeiros de Santa Rita e seus amigos, depois de Deus, se deve a obra! Continuemos.

Esperança na alegria, como dizia S. Paulo. Pois, nesta última quinzena, com osromeiros de Monção, vieram duas encantadoras meninas, dos seus 10 a 12 anos. Uma delas ofereceu os seus cabelos, dando, por eles, uma valiosa oferta.

Agora temos já de pensar em fazer vir as camas e suas roupas. Mas ainda não pusemos de parte o aluguer duma casa fora do concelho e distrito, esperando que homens e ventos de perseguição passem. Mas a última palavra é de Deus!

As ofertas da quinzena vem subindo. E assim: dos srs. Padre Justino, 500\$00; António Domingues, Vinha de Cima, 40\$00; Gaspar Manuel Costa, de Prado, 100\$00; José dos Santos Lima, da Carpinteira, 10\$00; Manuel dos Ramos Meleiro, de Oleiros, agora em França, mais 250 N. F. (quanto deve já Santa Rita a este nosso amigo!); Um anónimo, 100\$00; Um funcionário de Melgaço que tanto ajudou Santa Rita, mais 20\$00; Cândida Geraldes, de Lamas de Mouro, 30 N. F. e um alqueire de centeio; Maria Deolinda Gonçalves, de Prado, 20\$00; Deolinda Gonçalves, Cela, 20\$00; Maria Alice Lourenço, Aldeia, 120\$00; Esperança Seves, de Lobió, 100\$00; Rosa Marques e filhinho, de Portelinha, 40\$00; Adérito Ilídio dos Santos, vila, 50\$00; Palmira Alves, Crasto, 20\$00; Venda dum pulso de Senhora, 42\$50; Anónimo, 7\$50; Regedor de Cristóval, sr. Marques, 20\$00; Prazeres, Oleiros, 50\$00; Jorge Monteiro, Prado, 50\$00; Maria Deolinda Gonçalves, Prado, 50\$00; Maria do Rosário Domingues, Fontes, 50\$00; Ortelinda Domingues, Cavaleiro Alvo, 20\$00; António Salgado, Valinha, 100\$00; António Vaz, nas vésperas de partir para França, 100\$00; José Rodrigues, Eira, 300\$00; Anónimo, 50\$00; Maria Marques, Sobral, 50\$00; Teresa da Silva, Valinha, 20\$00; Albertina Veites, dos Perses, 3.000\$00; Manuel Fernandes, Bilhões, 50\$00; Maria da Conceição Gonçalves, Longos Vales, 16\$00; Manuel Domingues, Cela, 20\$00; Prazeres, Oleiros, 12\$00; Maria Gonçalves, Aldeia, 16\$00; Anónimo, 12\$00; Manuel Lourenço, Eira, 20\$00; No altar, 47\$50; Pelas tranças de uma menina, da Valinha, 60\$00; Anibal Meleiro, de Lobió, nas vésperas de partir para França, 100\$00.

Graças a Deus. É um plebiscito.

Muito obrigado o

PADRE CARLOS



CASTELO DE MELGAÇO

Na Assembleia Nacional

De pé, em frente da vida

(Continuação da 4.ª página)

(Continuação da 1.ª página)

vez de acordo com a estrutura da população activa e que era na altura do último Censo:

V. do Castelo	60.6	35.8	29.5
Braga	102.333	96.085	85.636
Porto	88.777	89.472	73.206

Embora hoje seja com certeza muito diferente a distribuição da população pelos diferentes estratos e tenha diminuído substancialmente a percentagem de activos na agricultura e não tenhamos elementos exactos, sabemos que essa tendência já vem de longe nos dois distritos do Minho e que o decréscimo foi, em relação aos últimos censos de população de:

	1940	1950	1960
V. do Castelo	77.855	63.435	59.822
Braga	102.333	96.085	85.636
Porto	88.777	89.472	73.206

Ora é do conhecimento geral que foi sobretudo na década de 60 que se acelerou a emigração no Continente e assustadoramente no Norte, com incidência marcada no Minho de agricultura empobrecida e uma indústria sem projecção.

Quando nos embevecemos com os encantos de Viana, das suas Ribeiras e das suas montanhas, do seu folclore, dos seus cantares, da sua garridice, talvez a maior parte não atente em algumas realidades que os números, com a sua frieza, indicam. Socorrendo-me sobretudo de elementos recolhidos pelo Prof. engenheiro-agrônomo Castro Caldas estabelecerei comparação e novamente com os outros distritos da Sub-região litoral, em relação às suas possibilidades potenciais.

A percentagem da superfície produtiva na superfície total é:

Braga	89
Porto	87
Viana do Castelo	78

o que coloca este último distrito em situação de nítido desfavor. Mas vejamos ainda mais elementos, agora respeitantes à percentagem da superfície improdutiva e incultrável na superfície total:

Distritos	Em relação à Região		Em relação ao Continente	
	1957/59	1964	57/59	64
Braga	2 242 845	2 766 436	30 2	26 6
Porto	4 962 439	7 122 841	66 2	68 2
Viana do Castelo	144 575	314 529	1 9	3 0
Totais	7 313 859	10 203 806	98 3	97 9

O distrito de Viana do Castelo não valia industrialmente em 1957-59 e em 1964 senão 1,9% e 3% do conjunto dos três distritos do Norte litoral.

E isto com a gravidade enorme de se saber que em condições normais o progresso industrial alastra à volta das unidades existentes e que a aceleração desse mesmo progresso está particularmente ligada às empresas dinâmicas que são factores de aceleração do progresso industrial e regional.

E não podemos pensar ter

Viana do Castelo	19.7
Braga	7.2
Porto	4.2

Não quero continuar a maçar muito mais V. Ex.ªs com a citação de números e se o faço é não só para lembrar coisas que parecem esquecidas, mas que relatórios sobre relatórios contém, como também como forma segura de apresentar um quadro que mesmo no meu distrito nem todos atentam e que com o interesse que é posto no acompanhar através da imprensa, a quem presto a minha homenagem pela preocupação de dar uma visão geral dos problemas focados nesta Assembleia, desperte vontade de acção que tanta falta faz.

Apontando somente que no distrito de Viana as áreas agrícola e florestal são sensivelmente inferiores às dos restantes distritos do Noroeste, pretendo ainda referir que a percentagem de superfície produtiva incultrável na superfície total é como segue:

Viana do Castelo	22
Braga	12
Porto	1

o que quer dizer que enquanto o distrito do Porto está quase totalmente aproveitado, o de Viana ainda há mais de uma quinta parte susceptível de ser posto em produção. Enquanto que o Porto, agrícola e florestal, necessita de aperfeiçoar-se nos seus métodos em Viana, além disto — e é imenso! — há ainda muita terra apta ao fomento de culturas e na qual haverá uma larga predominância de cultura florestal a implantar numa parte apreciável das áreas disponíveis e que a ela terão que ser dedicadas.

Vejamos agora a posição da indústria e analisemos através de elementos referentes aos mesmos distritos da sub-região Norte, a contribuição que ela traz para o seu desenvolvimento na criação de riqueza.

Começemos por analisar os valores referentes ao capital fixo existente na indústria.

uma região globalmente forte sem um incremento substancial e rápido do equipamento industrial, que bem expresso nos elementos apresentados é dramaticamente baixo, tão baixo que não julgamos possível a sua elevação sem uma intervenção decidida de forças externas apoiando as iniciativas singulares que vão despertando e, ainda mais, promovendo-as, se localmente não aparecem.

Ligado intimamente a este capital fixo está o valor líquido do produto obtido.

(Continua no próximo número)

imensos e nós somos apenas uma parte do Todo, produto de criação, (como tal limitados), a nossa face direita encostada à escuridão e ao silêncio, exactamente como a lua antes de ser descoberta e passeada pelos astronautas.

A guerra deu-me o sentido da paz, o risco da morte a outra face da vida, o sentimento do medo e da continência, a justificação da estratégia, o rigor do cálculo e a necessidade de arriscar. Na noite, na saudade, na angústia os rostos dos que vieram (ou não vieram) à despedida dos navios ressuscitaram na memória (alimento mais precioso e constante dos que combatem) com uma força e um amor que nem eles adivinham. Graças às exigências do isolamento e da distância foi possível o balanço de uma vida, e a reconstituição dos caminhos conhecidos de meus passos. O pó das picadas endureceu-me a garganta; o silêncio misterioso e verde das matas revigorou-me a esperança; os golpes impiedosos do capim na carne e nos braços, a modos de amor bravo, deram-me a tenacidade e

necessária certeza de chegar sempre a qualquer parte; o profundo respeito pelos que, generosamente, sem crispações nem palavras inúteis tombaram no solo pátrio (fosse ou não a meu lado) a responsabilidade de os merecer, perpetuando-lhes o sacrifício sem nome em cada acto de testemunho da sua verdade aos homens do meu tempo. A vivência de tudo isso em conjunto, numa luta diária sem tréguas nem fronteiras, deu-me a humana consciência de grupo em torno de um ideal comum, sem o que nenhuma tarefa é válida, nem fecunda.

A nossa principal condição é sermos testemunhas. Em nome desse privilégio, nenhuma consciência poderá vender-se ou hipotecar-se, qualquer que seja o preço.

... E venho ainda ao diálogo com leitores amigos: para agradecer os conselhos que os

mais experimentados então me deram, os aplausos (demasiado generosos) de bastantes, a tolerância de muitos outros —, pois todos fizeram com que percorresse um caminho que não ficando nos manuais da literatura, ficará, no entanto, bem gravado no chão humilde da minha existência. E, na pessoa do Director deste jornal, agradeço aos directores de todos os jornais que não quiseram, mais por generosa compreensão do que por valia dos escritos, que estes enchessem os custos de papéis da Redacção ou o silêncio reservado das gavetas.

Continuarei a escrever como uma forma de estar vivo e atento. Mas de pé, em frente da vida, uma arma e uma bandeira, sentindo que no terreno branco dos minutos se opera o fantasma: a palavra nasce e amadurece como um fruto.

Alberto (Magno) Pereira de Castro

SONETO

O MAR

Quem és ó mar? Um vasto e fundo poço
Rugindo dia e noite, sem parar,
Espumando raivoso no esgar
Dum horrendo, fenomenal colosso.

Quem és? Um enorme catre de vidas
Perdidas outrora contigo em luta
Mas tu, ó que horror, ganhaste a disputa.
Ficaram em todo sempre esquecidas.

Mas não te quero mal por isso, ó mar.
Por isso não és mau, como supus...
És a estrada do mundo, o coração.

A Fê por ti longe se foi levar
Mereces os louvores de que és jus
És um monstro sim, mas bom e são

ALBERTO MAGNO

N. da R. — Quis o prezado amigo Alberto Magno Pereira de Castro trazer ao nosso jornal uma recordação que nos sensibiliza.

Sendo um poeta de delicada sensibilidade e um estilista de sabor romântico, desejamos que se torne mais presente aos leitores. Da nossa parte, agradecemos-lhe a honra que nos deu, e desejamos vê-lo com maior frequência nestas colunas e noutras da imprensa nacional para bem das letras e orgulho da gente da nossa terra.

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE MELGAÇO

ANÚNCIO

1.ª Publicação

PELA Secção de Processos da Secretária Judicial desta Comarca, correm éditos de VINTE DIAS, contados da segunda e última publicação deste anúncio, citando os credores desconhecidos do EXECUTADO — JUSTINO DOMINGUES, solteiro, maior, residente no lugar de VIRTELO da freguesia de Cousse desta Comarca de MELGAÇO, para no prazo de DEZ DIAS, posterior àquele dos éditos, reclamarem o pagamento dos seus créditos pelo produto dos bens penhorados sobre que tenham garantia real, na EXECUÇÃO SUMÁRIA em que é EXECUQUENTE MOTOPE — MOTORES ÓLEOS PESADOS SARL, com sede em LISBOA e Executado aquele JUSTINO DOMINGUES.

MELGAÇO, dezanove de Fevereiro de 1971.

VERIFIQUEI

O JUIZ DE DIREITO
Manuel José de Almeida e Silva

O ESCRIVÃO DE DIREITO

José Henrique Pinheiro Calheiros

VENDEM-SE

Todas as propriedades rústicas e urbanas, sitas nas freguesias de Rouças e S. Paio, deste concelho de Melgaço, pertencentes ao Sr. HERMÍNIO ESTEVES, residente na cidade do Porto. Qualquer interessado pode, para o efeito, dirigir-se ao Solicitador na comarca de Monção com escritório na Rua da Independência n.º 34, desde as 10 horas até às 17 horas, todos os dias úteis.

Vinho do Porto **BARROS**

De todos De todos

O O

mais saboroso mais preferido

Lágrima Christi **BARROS**

em França o mais apreciado

Pequena Quinta em CAMINHA

Com casa de caseiro, cinco leiras, de mais de 100x30m cada, ramadas de ferro, de ponta a ponta, vides de boa qualidade e em belo estado, local próprio para construção de vivenda, servido por acesso, bifurcando da estrada para Paredes de Coura, a 1 km. da vila de Caminha, com magníficas vistas para o vale do rio Coura e sua confluência com o rio Minho.

Fica no lugar de S. ROQUE, da freguesia de Vila-relo, defronte de Seixas, de Calosancos (Espanha) e a 5 minutos ou 10 minutos das praias da Foz do Minho ou Mole do Minho.

Vende-se, podendo mostrar, Domingos Luis Terra, funcionário público em Caminha.

«SEGUROS»

**Acidentes Pessoais — Acidentes no trabalho
Automóveis — Caça — Fogo (incluindo raio)
S. Cristóvão — Vida — Vidros e Cristais, etc.**

COLOCA EM COMPANHIAS NACIONAIS OU ESTRANGEIRAS

Miguel H. G. Pereira

Rua da Calçada Telef. 42212 MELGAÇO

Quem mente?

No Jornal *Audaz* ou «*Notícias de Melgaço*» de que é director o sr. Abel Vaz, licenciado em direito, diz, um plúmítico anónimo — não será o sr. director? — no dito Jornal de 25 de Janeiro de 1971:

“O sr. P.º Rodrigues Mentiu,,

Foi... e infeliz o jornalista anónimo: atirou a pedrada — e que pedrada! — e escondeu a mão. Seria porque sentiu vergonha da acção feia que praticou?

Uma face ruborizada depois de um acto indigno, ainda é sinal de certa nobreza de carácter.

Há homens que merecem os nomes escritos com letras maiúsculas, mas outros...

Dito isto, vamos à resposta: O que escrevi, neste jornal, sobre a E. M. 501 de Melgaço a Cavaleiros, está certo; nada tenho a corrigir.

O plúmítico anónimo, se não sabe ler, aprenda, ainda é novo. Se sabe ler, e entende o que lê, responda-me a estas perguntas:

- 1.ª — Onde está a mentira?
- 2.ª — O que é a mentira?

Previno-o, lealmente, que não use o mesmo lirico de que se serviu o sr. dr. Abel Vaz, para encontrar o significado da palavra «troco». Lembrem-se os leitores?

* * *

Também me acusa no mesmo número do jornal citado — e pela segunda vez — que publiquei a fotocópia de um auto de declarações. Foi verdade. Não estou arrependido. Foi-lo em defesa de meu irmão ex-Presidente da Câmara atacado injustamente pelo sr. dr. Abel Vaz, como ficou demonstrado.

Apelei para a sua seriedade jornalística para que corrigisse a local, mas... nada até agora...

No *Audaz* de 10 de Novembro de 1970 escreveu o sr. dr. Abel Vaz, e sob o título: «É você, P.º Carlos, quem deturpa e falsifica a verdade!...»:

«*Não costumo repetir-me. Bem sabem os meus leitores que trato, apenas uma vez, cada assunto e não uso voltar a ele só porque qualquer «quidam» lhe dá na timeta de me contrariar.*»

Que bicho o teria mordido para voltar a este assunto pela segunda vez!...

Se julga encontrar aqui algum *filão*, enganase-se...

É uma associação de ideias que não sei explicar, ocorre-me perguntar ao Ex.º Sr. Senhor Conservador do Registo Civil, se já averiguou se foi ou não verdade que se fizeram um ou dois funerais em Melgaço sem o boletim de óbito.

Se já averiguou, o que é que averiguou?

Se não averiguou, porque não averigua?

* * *

Ainda no mesmo número do periódico citado — e também

pela 2.ª vez — repete estas acusações que vieram assinadas por um tal João da Costa:

«*Todavia é do conhecimento público, que há cerca de ano e meio para cá, o sr. prof. Manuel José Rodrigues, ex-Delegado Escolar, tem permitido na sua sala de aulas, durante os tempos lectivos e em horas seguidas, a presença de seu irmão, sr. padre António Rodrigues, a uma média de 4 vezes por semana, sobretudo de manhã. E não é só seu irmão, mas também o sr. padre Carlos...*»

Abro aqui um parêntesis: Em «*definindo posição*» pergunta o sr. A. V. — dr. Abel Vaz:

«*— Já viram algum Homem atirar pedradas?*»

«*— Não diz o rifão que «os rapazes só atiram pedras às árvores que têm fruto?»*»

Acima ficou transcrita a pedrada do sr. João da Costa ao colega professor Rodrigues.

Agora pergunto eu ao sr. dr. Abel:

1.ª — *Já viu algum Homem atirar pedradas?*

2.ª — *Não diz o rifão que «os rapazes só atiram pedras às árvores que têm fruto?»*

Pela lógica do sr. dr. Abel, o sr. João da Costa não seria um Homem, mas um rapaz, um garoto, um pilrete, um meio-quilo... porque atirou pedradas a um colega que tem uma boa folha de serviços.

Estamos de acordo, sr. dr. Abel. No que estou em desacordo é em ter consentido ao rapaz atirar a pedrada no seu jornal! Permitiu uma acção que condena!... Fecho aqui o parêntesis.

Vamos ao assunto: Já, em tempos, dei a resposta ao sr. João da Costa — João ou Zé? Remeto-o para o número de «*A Voz de Melgaço*» onde a publiquei.

Agora, só para não o deixar em branco, o que poderia ser interpretado como falta de consideração, afirmo-lhe:

O sr. João da Costa é um mentiroso, um *reles mentiroso*, um *escrevinhador mentiroso*. Até é mentiroso no nome que

De S. Paio

10/2/71

Há lugares que ainda não têm água de fontenários. Os habitantes esperam impacientemente!!!

— Desapareceram algumas sepulturas do adro da igreja e os seus proprietários não sabem o destino que levaram as pedras...

— Consta-nos que foram vendidos terrenos baldios sem as formalidades legais. Onde seria?

— Os caminhos públicos estão quase intransitáveis, havendo alguns bastante adornados.

— Há tanto tempo que se espera a electrificação da freguesia.

Por que motivo se não procede aos respectivos trabalhos? — C.

usa porque lhe não pertence. Está tudo dito. Tire a máscara e apareça.

«*Quem faz um cesto faz um cento*» e o sr. João da Costa quererá chegar ao cento?

Como o sr. João — João ou Zé da...? — gosta de se meter comigo, permita-me esta perguntinha: Tinha licença para estar ausente de Melgaço no mês de Agosto do ano findo?

O saco ainda não fica vazio... Quem tem telhados de vidro, para que atria pedradas?

Por que não muda primeiro de telhado?

E eu que já tinha resolvido deixar este sr. no limbo do esquecimento, deixá-lo em paz!...

P. S. — Os prezados leitores podem ler a resposta documentada ao plúmítico do «*Notícias de Melgaço*» que me chamou mentiroso por informações que dei sobre a E. M. 501 de Melgaço a Cavaleiros, neste ou no próximo número do Jornal «*A Voz de Melgaço*» sob a epígrafe III Comentário ao Plano de Actividades da Câmara de Melgaço para 1971. A resposta que aí dou ao sr. dr. Sidónio serve também para o plúmítico anónimo.

Assim, não me repito, e mato dois pardais com um único tiro.

P. S. — Não me digam que condeno a pedrada e que o tiro é a pior das pedradas; que não sou coerente. Respondo já à objecção que alguém, de olho mais conspícuo, poderia dirigir-me:

A agressão é condenável; nunca agredi. A legítima defesa, que sempre usei, é um direito sagrado.

P. S. — Não será uma pedrada a classificação dos apelos do sr. P.º Carlos a favor das Obras de Santa Rita, feita pelo sr. dr. Abel, de *ataque à fazenda do nosso povo e dos emigrantes e investida mais ou menos camuflada à carteira?*

E perguntava o sr. dr. no citado local:

«*— Já viram algum Homem atirar pedradas?*»

Não respondo, mas, com vénia, faço minha a pergunta.

A. RODRIGUES

Antigualhas Melgacenses

(Continuação da 1.ª página)

de Paderne. Ainda muita gente em nossos dias chama S. Paio de Paderne, tal qual foi sempre conhecida nos tempos antigos. Na idade média vários documentos a referem.

A primeira vez que encontrei a citação de S. Paio de Paderne foi em um documento de 1071 (?). Foi outorgado à Sé de Tui, restaurada após a invasão e devastação da mourama, pela infanta D. Urraca, filha de D. Fernando I e irmã daquele D. Afonso VI pai de D. Teresa, sogro do conde D. Henrique, e avô do nosso primeiro rei D. Afonso Henriques. Por outras palavras, a sobredita D. Urraca Fernandes era bístia materna de D. Afonso Henriques.

Esta D. Urraca favoreceu muito a restauração da Sé de Tui. Entre outras, fez-lhe doação de metade do *mosteiro de S. Paio de Paderne*. Convém reparar que lhe doou metade, porque teramos ocasião de encontrar referências a outros quinhões.

Os mosteiros e igrejas tinham donos, padroeiros, ou patronos (hoje diríamos patrões) que tinham certos direitos e privilégios, como seja intervenção na escolha dos párocos das igrejas e abades ou priores dos mosteiros, bem como no gozo de parte dos rendimentos.

Antes de passar adiante, devo dizer alguma coisa sobre S. Paio, santo padroeiro desta freguesia, por cujo nome ela é conhecida presentemente.

Estamos habitualmente a ouvir nos sermões das festas de S. Paio, a quem estão dedicadas muitas freguesias no Alto Minho, que ele era um jovem novo, sobrinho de um bispo de Tui chamado Hermógio, jovem martirizado pelos mouros em 925.

Sem dúvida que novas freguesias haverão tomado este S. Paio como padroeiro, mas há outro S. Paio mais antigo a quem já estavam dedicadas várias igrejas.

Porque este S. Paio sobrinho do bispo de Tui era praticamente nosso conterrâneo, estabeleceu-se confusão no decorrer dos tempos, e hoje ninguém conhece o mais antigo que realmente foi o primitivo padroeiro, segundo me parece.

P. M. A. BERNARDO PINTOR

(1) Usualmente diz-se *S. Salvador*. Mais correcto é dizer *Divino Salvador*.

(2) *Espana Sagrada*, XXI, Apêndice I, pág. 245.

Casamento Elegante

Na Igreja de S. Pedro, freguesia do Bairro, concelho de Vila Nova de Famalicão, realizou-se, com toda a sumptuosidade, no passado dia 14, o enlace matrimonial do nosso conterrâneo e estimado assinante Sr. António Manuel de Castro, da freguesia de Remoães, filho do Sr. Armando de Sousa e Castro e da Sr.ª D. Maria de Jesus Ferreira e Castro, com a menina Maria dos Anjos Sampayo Correia da Silva, filha do Sr. Gabriel Correia da Silva e da Sr.ª D. Alzira Ferreira Sampayo Correia da Silva, naturais daquela localidade.

Foram padrinhos o Sr. José Fernandes Pinto, comerciante e industrial e sua Esposa Sr.ª D. Maria José de Almeida Pinto.

Presidiu ao acto o Rev. Sr. P. João Amorim e celebrou a santa missa o Rev. Sr. P. Duarte Machado, e conduziu as alianças o menino Gabriel Sampayo Correia da Silva, irmã da noiva.

No fim das cerimónias, o cortejo nupcial dirigiu-se, em grande número de automóveis, para o conceituado Restaurante Snak-Bar «Kiri-Kiri» de Santiago da Cruz, onde foi servido um lauto e bem requintado almoço a cerca de cem pessoas, tendo aos brindes usado da palavra o Rev. Sr. P. João Amorim, que enalteceu as qualidades do gentil casal.

Aos noivos, que são dotados das melhores qualidades, simpatia e que seguiram viagem de núpcias para o sul do País, desejamos as maiores felicidades, de que são dignos e uma perene lua de mel.

Alfredo Lourenço do Paço

À Sombra da Cruz

D. Macia Reis Leitão Bastos

Na sua residência em Lisboa, faleceu no passado dia 15, confortada com todos os Sacramentos Santa Madre Igreja a Senhora D. Maria Reis Leitão Bastos, viúva de 73 anos de idade.

A extinta, pessoa dotada de qualidades de carácter e bondade, que sempre a impuseram à geral consideração, era mãe do Sr. Dr. Carlos Bastos, distinto médico em Lisboa, da Sr.ª D. Helena Bastos Rego, sogra do nosso conterrâneo Sr. Alfredo Rodrigues Rego e da Sr.ª D. Graciliana Bastos.

O corpo da extinta senhora foi trasladado em auto-fúnebre, para Loriga (Beira Alta), terra da sua naturalidade, onde se realizou o funeral com grande acompanhamento, tendo assistido pessoas da mais alta representação.

«*A Voz de Melgaço*», apresenta a toda a família em luto o seu cartão das mais sentidas condolências.

A. L. P.

II Ciclo Gulbenkian de Teatro

Com o propósito de promover uma expansão cada vez maior do espectáculo teatral nos centros urbanos da Província, a Fundação Calouste Gulbenkian teve a iniciativa de organizar o II Ciclo Gulbenkian de Teatro.

A série de 63 espectáculos iniciou-se no dia 26 de Fevereiro e deverá terminar no dia 19 de Março próximo, abrangendo o Ciclo Gulbenkian de Teatro um total de 38 localidades do País, que serão visitadas por cinco companhias de Teatro para uma realização de 5 programas diferentes.

Os preços serão escalonados de modo a tornarem-se acessíveis a todo o público, bene-

5 companhias de teatro com 5 programas diferentes actuarão em 38 localidades do país

ficiando os estudantes, como é costume, de desconto de 50 por cento no preço dos respectivos bilhetes.

Entre os espectáculos, todos de grande nível artístico, quer pelas companhias que actuarão, quer pelos artistas que as representam e aos quais nos referiremos oportunamente, figura um destinado a crianças, o que constituirá, sem dúvida alguma, em muitas localidades, inovação do maior interesse.